

UM HINO DA LITURGIA BATISMAL: Gl 3,26-28

Joel Antonio Ferreira*

Introdução

Segundo a maioria dos estudiosos de Gálatas, Gl 3,26-28 não foi elaborado por Paulo. Parece ser anterior a ele. Provavelmente, era um hino batismal ou fragmento de um credo muito conhecido pelas primeiras comunidades. Era uma fórmula já celebrada por outras comunidades independentes do apóstolo. Paulo conheceu este belo e significativo texto e o absorveu como um programa de vida também para ele e suas comunidades. Gl 3,26-28 era uma confissão batismal que foi citada por Paulo.

Este texto é uma espécie de programa da busca de uma possível sociedade desconhecida do mundo greco-romano. Esta sociedade almejada pelas comunidades primitivas, e agora também por Paulo, deve ser livre e igualitária. Este programa precisa ser iniciado na busca radical da superação de qualquer discriminação étnica, sexual, religiosa, social e cultural. Por isso, o texto move toda a epístola ao proclamar que a nova sociedade tem que existir na mentalidade da abertura de fronteiras. Esta abertura só pode ser efetivada realizando o principal objetivo da epístola: *a unidade em Cristo Jesus* (Gl 3,28d).

Na nossa visão, este material é o centro de toda a Epístola aos Gálatas, polarizando em si toda a missiva, sintetizando-a aqui em Gl 3,26-28. Além de sintetizar, ele irradia os seus raios para toda a epístola. É esta a nossa chave hermenêutica¹. Ao descobrirmos a importância de Gl 3,26-28 interligando todas as perícopes em torno de si, ao constataremos a sua centralidade na epístola, clareamos que este pequeno texto da igualdade e liberdade move toda a epístola em torno da unidade em Jesus Cristo. Paulo, para defender a questão da unidade, buscou em comunidades anteriores a ele este fragmento que elas celebravam na liturgia batismal. Ele elaborou de tal modo a Epístola, que o texto de Gl 3,26-28, já conhecido, ocupou um lugar central na sua redação. Se lermos a Epístola aos Gálatas na ótica deste material, dá-nos a impressão que o apóstolo, enquanto escrevia a missiva, tinha o fragmento pregado na parede em frente aos seus olhos, porque quase tudo está sintetizado aí, principalmente, em nível de conteúdo. É um programa dinâmico para comunidades que ouvem o apelo para serem transformadoras, na busca de uma possível sociedade cristã igualitária e livre.

* Joel A. Ferreira é assessor do CEBI e professor titular da PUC – GO.

1. FERREIRA, Joel A. *Gálatas: a Epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 89.

O hino, como fórmula litúrgico-batistal, na tradição paulina

Façamos uma comparação com 1Cor 12,13, Cl 3,11 e Rm 10,12 e procuremos onde, possivelmente, Paulo teria buscado o texto original que fez surgir Gl 3,26-28. Vejamos a sinopse:

Gl 3,26-28	1 Cor 12,13	Rm 10,12	Cl 3,11
<i>Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Pois todos vós fostes batizados em Cristo.</i>	<i>pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo</i>	<i>De sorte que não há distinção</i>	
<i>vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego</i>	<i>judeus e gregos</i>	<i>entre judeu e grego</i>	<i>Aí não há mais grego e judeu</i>
<i>não há escravo nem livre, não há homem e mulher. Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.</i>	<i>escravos e livres e todos bebemos de um só espírito</i>	<i>Pois ele é o Senhor de todos...</i>	<i>circunciso e incircunciso bárbaro, cita escravo, livre</i>
			<i>mas Cristo é tudo em todos</i>

O texto de Gálatas, provavelmente, o primeiro a ser escrito, nesta epístola, é o centro de tudo. É em torno desse texto que giram todas as problemáticas do livro. Tanto as questões sociológicas como as pastorais e teológicas se movem a partir daqui. Ei-lo:

²⁶ *de fato, vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus,* ²⁷ *pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo.* ²⁸ *Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher;* ²⁹ *pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.*

Características de um hino nesse pequeno texto

É um hino curto. Certamente, durante a cerimônia batistal, ele era cantado, repetidamente. Nós conhecemos, em nossas experiências litúrgicas, cânticos curtos, como “oh, água santa, oh, água pura” que é salmodiado, por muitas vezes, enquanto toda a assembleia se “purifica”. Claro que naquelas comunidades originárias e o número dos membros era pequeno e, então, era mais rápida a conclusão do mesmo.

Possivelmente, ele não era cantado somente pelo presidente, mas por toda a assembleia reunida para a celebração batistal. O hino tem como destinatário a comunidade (vós), porém, o apelo é para a comunidade envolvida no “Cristo Jesus”. Há a afirmativa de que a comunidade (vós) é “filha de Deus” pela fé e é “uma” só. Este curto hino tende à totalização: o anúncio é para todo o universo e humanidade (todos), parti-

cularmente, para os que se “vestem” de Cristo. A afirmação é acompanhada de gestos e sinais, como “batismo” e “vestimenta”. Há a alusão a grupos determinados (judeus, gregos, escravos, livres, homem, mulher).

Há um “pois” escrito duas vezes mostrando os motivos do hino: a comunidade o canta a partir de motivos concretos: reconhecimento da presença do Cristo Jesus que transforma os vários segmentos sociais.

Este hino batismal tem um caráter de confissão de fé (pela fé em Cristo Jesus) ou de credo histórico: os filhos de Deus têm a presença de Jesus Cristo na história e na vida. O hino não é especulativo. Ele aponta as ações provenientes desta presença.

Os participantes da liturgia batismal contemplam a ação de Cristo Jesus, porque estão vestidos dele. É um clima de fascínio, onde a comunidade, como que, se esquece de si mesma e antevê uma sociedade do homem novo (Gl 6,15), onde judeus e gregos, escravos e livres, homem e mulher viverão numa assimetria total.

Olhando os conflitos e limitações comunitárias na Galácia, provenientes das desigualdades raciais e religiosas (judeu/grego), sociais (escravo/livre) e de gênero (homem/mulher), o hino batismal propõe o reverso, isto é, que a utopia da unidade em Cristo conduz a comunidade a viver em igualdade e liberdade. Na verdade, o apóstolo está propondo que todas as divisões e diferenças entre as pessoas humanas, provindas de raça, de condição social ou de sexo, desapareçam.

A “situação vital” parece ser clara: as cerimônias da liturgia batismal eram celebradas nas casas, provocando nos fiéis uma intenção profunda de viver as simetrias comunitárias, na radicalidade.

Como compreender a Unidade no meio de tanta contradição?

Esse texto é uma pérola preciosa para se ter uma ideia de como algumas comunidades cristãs se autocompreendiam, e, também, como Paulo percebeu para onde elas deviam caminhar². Este pronunciamento da liturgia batismal era certamente escutado e celebrado por todos aqueles que quisessem tornar-se membro destas células cristãs. Ouviam a utópica declaração da reunificação da humanidade. O iniciado cristão ficava fortemente impressionado por entrar para um grupo que proclamava a abolição das distinções, nos quatro delicadíssimos âmbitos da vida humana: o racial e o religioso, o social e o sexual. Vamos vendo que a fórmula batismal contém implicações sociais e políticas de natureza revolucionária. No dia a dia, esta fórmula criaria dificuldades entre os seus membros, justamente, porque criariam conflitos com os modelos sociais vigentes no mundo greco-romano e judaico e, também, com os cristianismos originários recém-surgidos. Algumas perguntas, que os estudiosos desta fórmula batismal fazem, são interessantes: o que ocorria, por exemplo, quando escravo e senhor, ambos fiéis, voltavam da assembleia cristã, onde ambos ouviram o anúncio público de que já não

2. FERREIRA, Joel A. *Gálatas: a Epístola da abertura de fronteiras*, p. 90-102.

se aplicavam tais distinções? Que sentimentos se geravam, quando novamente eram retomadas em casa as relações servis, como provavelmente o eram? Após a celebração, o patrão cristão continuaria na situação vital de senhor e o seu empregado continuaria a ser escravo? Estas questões embaraçosas, provavelmente, provocariam atritos em nível dos casais e, claro, entre judeus e gentios.

Paulo enfrenta, com galhardia, a proposta. Abraça o ideal da fórmula litúrgico-batistal e, ao mesmo tempo, propõe-na como algo que deve ser alcançado e vivido pelas comunidades cristãs. A missiva aos gálatas se define como uma epístola que deve levar os leitores a se revestirem de Cristo para experienciarem o princípio da igualdade e da liberdade. Assim, as fronteiras serão abertas e um novo modo de vida (Gl 6,15) precisará acontecer.

O nosso texto começa e termina sinalizando uma grande abertura numa perspectiva universal, num paralelo que abre e fecha a perícopes. Em 3,26a vemos: *pois todos vós sois filhos de Deus...* e em 3,28d: *Pois todos vós sois um só...* A relevância do vocábulo “todos” sugere que, dentro do contexto da missiva, o autor esteja querendo abranger judeus e gentios. Assim, ele supera a visão estreita dos missionários judeu-cristãos. Nesta perspectiva, gentios, aqui, seria sinônimo de todos os cristãos de todas as partes. Em vez de dizer os gentio-gálatas, é preferível dizer *todos* os gentio-cristãos (3,8.22). “Quantos” (*hosoi*) não pretende delimitar um círculo reduzido dos leitores, mas açambarcá-los como conjunto. Com os vocábulos *todos/quantos* o autor mostra que as comunidades não estão entrincheiradas. Acabaram o exclusivismo e preciosismo. As comunidades surgem também entre os étnicos. Há uma abertura geral das fronteiras na direção dos estrangeiros (deve encerrar a distinção racial com suas implicações religiosas e culturais), dos escravos (precisa acabar a simetria livre-escravo), como também de gênero (o espírito da igualdade deve tomar o lugar do patriarcalismo e do machismo). Modifica a concepção das relações humanas. O espírito da igualdade precisa vencer a mentalidade das discriminações.

A força do texto culmina na unidade eclesiológica em Cristo. Esta não suporta discriminações. Tudo se move em torno de Cristo Jesus. A unidade em Cristo é o ponto focal, que irradia a luz para todo o corpo da missiva. Por isso, em nossa opinião, Gl 3,26-28 é um dos textos de maior abertura de fronteiras do Novo Testamento, na direção da superação dos principais antagonismos que dividiam um grupo ou uma sociedade. Na verdade, ele propõe a quebra das muralhas e a abertura das fronteiras, numa perspectiva universal. O texto situa-se, na Epístola aos Gálatas, como presença dinamizadora na evolução da missiva, ocupando um lugar polarizador e irradiador: como referência, como conteúdo, como síntese, como orientação, ele se move, dialeticamente, em toda a epístola. As propostas deste material vão e voltam, continuamente, no corpo da epístola, iluminando as argumentações de Paulo. Por isto, todas as outras perícopes, em nossa opinião, devem ser lidas na ótica de Gl 3,26-28. Provavelmente, como já dissemos, o apóstolo recolheu esta perícopes de comunidades pré-paulinas que a celebravam nas liturgias batistais, inserindo-a no centro da Epístola aos Gálatas, como paradigma aos leitores. Aqui são vistas as propostas que acabariam com todo o tipo de contradições. Paulo, ao rejeitar as diferenças dentro dos cristianismos originá-

rios, ao se opor ao modo assimétrico greco-romano, propõe que a utopia de Gl 3,26-28 pode se efetivar numa simetria comunitária.

Vimos antes a comparação de quatro textos desta mesma liturgia batismal. É importante, numa sinopse, entender que o texto mais antigo seja o referencial para a interpretação dos que vierem posteriormente. É, praticamente, unanimidade entre os comentaristas de Paulo definir a Epístola aos Gálatas como anterior a Coríntios e Romanos e, lógico, a Colossenses.

Se olharmos, atentamente, as quatro referências acima, o que nos chama a atenção é, exatamente, o surgimento do par de opostos *homem-mulher* apenas no texto de Gálatas. Por que será que somente esta epístola ousou colocar “*não há macho (homem) e fêmea (mulher)*”, sendo que “*não há judeu e grego*” aparece em todas as quatro e “*escravo e livre*” aparece em três?

Se observarmos pelo ângulo da manutenção dos textos, fica patente que “*não há judeu e nem grego*” foi assimilado pelos cristianismos originários, mais tranquilamente. Parece que este *slogan* surgiu no ambiente helenístico-judaico-cristão, sendo que todos conseguiram manter esta coerência de ruptura com a discriminação racial, com implicações religiosas e culturais. O *slogan* “*não há escravo nem livre*” aparece em três epístolas, ficando fora apenas de Romanos. Paulo, ao não colocar a questão da escravatura social, estaria querendo evitar algum possível constrangimento para seus leitores de Roma, ou mesmo estaria querendo manter livres as estradas que conduziam a Roma, local onde ele queria ir evangelizar?³ O fato é que nas epístolas para as comunidades longínquas de Roma (Galácia, Corinto e Colossos), o *slogan* “*não há escravos nem livres*” aparece com evidência. A consolidação desta ideia de liberdade também social parece que estava se firmando nas comunidades primitivas. É sintomático que, até para Colossos, os discípulos de Paulo, que redigiram a missiva, mantiveram esta assertiva. Esta afirmação tem sentido, porque os redatores de Colossenses tinham uma mentalidade patriarcalista – estes têm receio da transformação social – e androcêntrica.

Por que somente a Epístola aos Gálatas manteve “*não há macho (homem) e fêmea (mulher)*”?

Partamos do fato que esta missiva foi enviada antes das outras. É o documento de referência. Temos que olhar primeiro o aspecto da ousadia de Paulo. Ele estava inserido numa mentalidade patriarcalista, com consequência androcêntrica perpassando o modo de existir helênico-romano e judaico. A pergunta é: quem, dentro deste contexto, forçou a presença deste *slogan* no texto de Gálatas? Vemos três possibilidades plausíveis:

A primeira é a de que “*não há macho (homem) e fêmea (mulher)*” seja reflexo do local onde Paulo escrevera a epístola. Ele estaria, naquele momento, ou em Éfeso ou Corinto. Aí, as comunidades, empolgadas pelo entusiasmo cristão, viam que esta nova religião do Ressuscitado seria o meio forte para acabar com todos os tipos de assime-

3. FERREIRA, Joel A. & SILVA, Valmor. *Paulo Missionário*. Belo Horizonte: O Lutador, 2009, p. 41-44.

trias. Possivelmente, a questão do “androcentrismo” era bem discutido nas reuniões. Nesta possibilidade, líderes cristãos iam se despontando e, ao verem que nas celebrações batismais se cantavam ou proclamavam que “*todos vós sois um só em Cristo Jesus*” e que “*todos vós sois filhos (crianças) de Deus*”, e vendo que os *slogans* “*não há judeu nem grego*” e “*não há escravos nem livres*” eram anunciados, impuseram também o “*não há macho (homem) e fêmea (mulher)*”. Paulo, na sensibilidade pastoral, teria acolhido este ideal feminino.

A outra possibilidade era a de que a problemática do feminino-masculino tenha chamado a atenção de Paulo na Galácia, onde ele parece ter estado duas vezes (4,13). A primeira experiência com os gálatas tinha sido edificante. Os grupos desta região mostraram-se maduros, afetivamente, e de uma solidariedade cristã indescritível (4,12-20). Porém, na ausência do apóstolo, apareceram por lá alguns “missionários judeu-cristãos” proclamando o evangelho mesclado com a pastoral da lei e da circuncisão. Isto criou tanta confusão, que da Galácia alguns mandaram notícias a Paulo narando os conflitos que estavam acontecendo. As notícias pediam orientações ao apóstolo. Se as diretrizes básicas dos “missionários judeu-cristãos” eram em torno da circuncisão, isto deve ter afetado o ambiente feminino. As mulheres não se circuncidam. Em nível pastoral, a experiência judaica ensinou que isto ajudava na discriminação feminina. Possivelmente, uma das orientações que pediram ao apóstolo era sobre a segregação “de gênero” emergente que estava acontecendo nas comunidades gálatas, após a vinda dos arautos judeu-cristãos. Ora, o nosso autor da missiva que usou um exemplo do ambiente feminino (4,19) fala com franqueza que, a partir de Cristo Jesus, “*não há macho e fêmea*”. Se as mulheres estavam num momento pastoral constrangedor na Galácia, agora elas têm o conforto do apóstolo.

A terceira possibilidade é que o *slogan* “*não há macho e fêmea*” tenha surgido em comunidades pré-Paulo ou contemporâneas dele, em outros cristianismos originários. Independente do apóstolo, toda a perícopes de Gl 3,26-28 teria sido elaborada para as liturgias batismais. O contexto da perícopes era, então, o momento do culto celebrativo do batismo. O texto era ou cantado como um hino ou proclamado pelo(a) presidente da celebração que se dirige à assembleia (*vós...*). Dentro do entusiasmo das emergentes comunidades primitivas, sonhando com uma nova criação (6,15), no anseio por liberdade para todos e igualdade sem distinção, na busca da unidade em Cristo, estes grupos redigiram este texto da liturgia da vida. Ligaram a fé em Cristo Jesus que se efetiva no batismo com a realidade contraditória do Império Romano, com o sistema discricionário judaico e com as discrepâncias familiares. Dentro destes grupos, a presença feminina devia ser forte e as lideranças iam ficando marcantes. Foram, provavelmente, estas mulheres, como veremos adiante, coordenadoras de grupos litúrgico-bíblicos domésticos que foram recitando, gradativamente, “*não há macho e fêmea*”, até se tornar consenso entre também os membros masculinos das comunidades. O *slogan* tornou-se oração comprometida.

Paulo, ao conhecer o texto e a experiência também das mulheres, absorveu, integralmente, a perícopes e a fez seu programa de vida. Quando ele escreveu a contundente

te Epístola aos Gálatas, tomou todo o texto Gl 3,26-28 e o colocou como chave central de toda a missiva e, a partir daí, foi iluminando a sua redação.

As três possibilidades podem ser corretas, como as três podem estar inter-relacionadas. No entanto, como questão metodológica, temos que ter uma opção para andamento na reflexão. A nossa inclinação é pela terceira possibilidade como a mais provável, não só porque a tendência dos estudiosos hoje seja por ela, mas porque nos parece a mais forte: o texto de Gl 3,26-28, possivelmente, era independente de Paulo. Paulo chegou a esta belíssima síntese, absorvendo o projeto das liturgias batismais das Igrejas primitivas. Não somente “*não há macho e fêmea*” (28c), mas toda a perícopete teria sido assimilada pelo apóstolo. Ele a teria conhecido e absorvido. Vários exegetas sustentam, fundamentados na crítica das formas, que Paulo aqui teria usado uma fórmula já conhecida na Igreja primitiva e, por isso, Gl 3,26-28 é classificado como “uma confissão batismal citada por Paulo”. Possivelmente, o apóstolo parece estar citando um hino batismal ou fragmento de credo muito conhecido pelas primeiras comunidades. Na passagem de Gálatas, provavelmente temos a declaração na forma original, com as demais ocorrências representando desdobramentos e alusões.

Se o apóstolo recorreu a esta fórmula conhecida na Igreja primitiva, inserindo-a no contexto do advento da fé que clarifica os conflitos, é porque, na sua visão de liberdade e igualdade, esta só pode ser vivida numa comunidade que busca a igualdade em todos os níveis.

Vamos, agora, com tranquilidade, estudar e refletir este texto que significa a “abertura de fronteiras” em todas as direções!

Primeiro impacto vindo do Hino Batismal

É a questão étnica. O conflito pessoal de Paulo, para colocar em prática a revolucionária tese de que não há judeu nem grego, acompanhou-o sempre⁴. Paulo, ao mesmo tempo, judeu e apóstolo de Cristo, às vezes, quis conciliar os dois modos de vida. Era leal à sinagoga e, ao mesmo tempo, era perseguido pelo seu povo. Como fiel judeu, queria pregar aos gentios, porém, estava ajudando a formar uma outra entidade, a Igreja. Enquanto anunciava que a justificação era pela fé, tantas vezes, procurou um lugar para a lei no plano de Deus⁵. Ao afirmar que não há judeu nem grego, isto é, étnico (pagão, estrangeiro), ele estava fazendo uma proposta igualitarista racial e, por conseguinte, religiosa. Todo grande esforço de Paulo, e mais, quase toda sua obra, estavam centrados na abolição das distinções religiosas e culturais entre judeus e gregos. O esforço de Paulo não era o afastamento, mas a superação das distinções. O “não há judeu nem grego” nos mostra uma teologia que contestava as ortodoxias religiosas fechadas em si mesmas, questionava os sectarismos que discriminavam os outros e os

4. FERREIRA, Joel A. *Gálatas*, p. 103-108.

5. SANDERS, E.P. *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 220.

diferentes⁶. Diante da revelação definitiva de Deus em Jesus Cristo, nenhuma religião ou qualquer raça são superiores às outras. Segundo Barbaglio, não valem mais nem privilégios nem *handicaps*. Todos igualmente têm necessidade do dom gratuito da salvação, oferecida, indistintamente, a quem tiver fé, que constitui uma opção pessoal oferecida a todo o mundo, sem que ninguém precise renunciar à própria identidade histórico-cultural⁷. Cristo é o evangelho (Gl 1,6-9), e este se abre indiferentemente à civilização grega como à etnia judaica presente em várias partes do mundo. A consequência de tudo é que gentios e judeus, a partir da fé em Cristo, respeitando aquilo que é típico de cada cultura, convivam como membros vivos de uma mesma comunidade.

O segundo impacto vindo do Hino Batismal

É a questão social. Em comunidades tão distantes, nos diversos cristianismos originários, com algumas modificações, o mesmo hino (Gl 3,26-28) era rezado ou cantado, exaltando a liberdade total dos seres humanos, em Cristo Jesus. O clamor em torno do fim da escravatura era uníssono nas primeiras comunidades (Gl 3,26-28; 1Cor 12,13; Rm 10,12; Cl 3,11). Parece que esta afirmação “não há escravos nem livres” surgiu em um ambiente de escravos ou ex-escravos⁸. Quais seriam as consequências da proclamação pelos cristãos de que “não há escravos nem livres” no ambiente romano avassalador? Era possível subverter toda a ordem social não somente do Império Romano, mas do universo, para que desaparecesse, de fato, a escravidão? A grande perspectiva da ruptura de barreiras é que a fé em Jesus Cristo constitui e sustenta o novo modelo de vida na igualdade e na liberdade, abrindo as fronteiras que vêm da superação das discriminações da relação senhor-escravo ou livre-escravo. Quando Paulo fala da relação livre-escravo, está propondo que a estrutura de dominação seja derrubada, porque esta é uma das barreiras mais agressivas contra o Evangelho. A busca da unidade em Cristo Jesus (Gl 3,28d) tem que eliminar o sistema social da escravidão. Sendo eliminada a oposição livre-escravo, surge um tipo social de vida diferente, onde as relações serão de pessoas que vivem a igualdade e a liberdade no serviço uns aos outros (Gl 5,13b). Ao assumir a proposta do “não há escravo nem livre”, Paulo anseia pelo surgimento de uma sociedade nova que elimine a sociedade da contradição. Não se concebe mais, de modo algum, a escravatura. Mais uma vez, como mola propulsora de toda a epístola, este texto (Gl 3,26-28) aborda questões cruciais já levantadas antes: Gl 2,4 retrata a crise da liberdade. Paulo, em boa parte da epístola, defende-a com vigor, arrematando aqui que não há “escravo nem livre”. O tempo da liberdade tem de durar para sempre. Portanto, a Epístola aos Gálatas, olhando a superação da crise da liberdade (Gl 2,4), a comunhão de mesa (Gl 2,11-14) e o batismo (Gl 3,27) proclama, tenazmente, a abertura de fronteiras para que a liberdade e a igualdade sejam, de fato, uma proposta viva para todos, em particular, para os que aderiram a Jesus Cristo.

6. FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Uma leitura conflitual do Novo Testamento. Goiânia: UCG e América, 2009, p. 79-95.

7. BARBAGLIO, G. *São Paulo o Homem do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 249-250.

8. FERREIRA, Joel A. *Gálatas*, p. 108-115.

Numa perspectiva multicultural, em pleno modo de produção escravagista romano, anunciar que não poderia existir mais “escravo”, era buscar algo de totalmente novo, uma revolução nos padrões de comportamento da época e o anúncio de um novo tipo de instituição, onde todas e todos os habitantes da terra seriam, literalmente, livres. Paulo, pessoalmente, levou a sério em sua vida esta preocupação com o social. Em 1Ts 4,9-12 Paulo muda o modo de pensar e agir, ao orientar os tessalonicenses que “trabalhassem com as próprias mãos”, virando tudo dos avessos. Pediu a eles que saíssem do sistema romano e criassem o próprio sistema, tornando-se independentes e livres. Em 1Cor 7,22-23 há um apelo para que ninguém se torne escravo dos homens. Ele está mostrando que a comunidade cristã é semente de uma nova sociedade igualitária, onde todas e todos são chamados a serem livres para viverem com dignidade. Em 2Cor 8-9, retratando uma situação social angustiante, a fome na Judeia, ele propõe e lidera um grande movimento, em várias partes, para partilharem com os mais necessitados, em sinal de unidade dos cristianismos originários. Particularmente, em 2Cor 8,13-14 vemos as orientações sociais cristãs, na busca da justiça social e da defesa dos direitos da pessoa humana, serem colocadas em prática. Na cartinha a Filêmon, Paulo coloca, mais uma vez, em prática, a proposta do “não há escravo nem livre”. Não havia lugar para a escravatura, dentro de uma comunidade cristã, particularmente, na cabeça de Paulo⁹. Esta cartinha sugere que o cristianismo não é compatível com a situação social do mundo greco-romano e constitui uma condenação do sistema vigente, com uma proposta de uma alternativa provisória: o escravo Onésimo precisa ser libertado¹⁰.

Terceiro impacto vindo do Hino Batismal

É a questão de gênero. Paulo demitiza os padrões de comportamento impostos pela civilização universal e interroga as instituições que sustentavam o patriarcalismo. Há uma audácia na afirmação: “não há macho (homem) e fêmea (mulher)”. Este par de opostos surgiu em um ambiente feminino¹¹. Se as mulheres tomaram consciência que a sociedade patriarcal promovia apenas os aspectos masculinos, se experienciavam que o androcentrismo era uma realidade; se elas se sentiam subestimadas existencialmente e, por isso, esvaziadas; se percebiam que sua identidade fundamental de mulheres estava cancelada até então e sentiam-se como caricatura dos homens; se elas localizavam-se como marginalizadas pela unilateralidade masculina, portanto, viam-se oprimidas pelo mundo patriarcal, é claro que elas deveriam exigir no texto batismal palavras rudes como “macho-fêmea” (masculino-feminino) e não, tranquilamente, apenas “homem-mulher”. “Macho-fêmea”, a nosso ver, denuncia uma das assimetrias mais violentas em nível de relação e convivência humanas, descrevendo, cruamente, o que as mulheres experienciavam no cotidiano existencial. Quem estaria, nas primeiras comunidades, por trás da força deste par “homem-mulher”? Seguramente, não eram os homens. Claro que gostaríamos de saber onde foram os locais em que comunidades

9. FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 96-104.

10. COMBLIN, J. *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 69-76.

11. FERREIRA, Joel A. *Gálatas*, p.115-124.

mais vivas tinham maior presença feminina e onde se despontaram as maiores lideranças delas. Seria belíssimo se soubéssemos quem foram as mulheres que conseguiram impor a afirmação não há homem (macho) e mulher (fêmea), como admiraríamos muito se conhecêssemos quem foram os homens dessas comunidades que tiveram a abertura para acolher tamanha audácia para a época. A maior possibilidade está em compreender que por trás da declaração batismal, pelo menos a respeito das mulheres, estariam as líderes femininas que exerciam papéis de ponta nas igrejas domésticas e na missão do movimento cristão primitivo, ou melhor, do movimento missionário pré-paulino. Elas, as novas líderes cristãs, certamente, impuseram esta expressão. Outras líderes que Paulo não conheceu pelos seus trabalhos transformadores não iriam impor o par homem-mulher no hino batismal, ao lado de judeu-grego, escravo-livre? Parece evidente que foi uma conquista feminina. A força da presença da mulher nas primeiras comunidades, juntamente aos escravos (seguramente, escravos gentios), enriqueceu a declaração batismal de Gl 3,28, exatamente porque aquelas cristãs e cristãos excluídos das forças de decisões e condução da história compreendiam-se verdadeiramente libertados por Cristo. O exemplo mais forte na busca da “igualdade racial e religiosa” foi o incidente de Antioquia (Gl 2,11-14). Não é a circuncisão ou incircuncisão que conta, mas a “nova criação” (Gl 6,15). Isto tinha implicações para as mulheres fossem judias ou gentias. Se a circuncisão perde a força delineadora, as mulheres que não se circundavam, agora pelo batismo e seu rito paradigmático (Gl 3,28), tornavam-se membros plenos do povo de Deus com os mesmos direitos e deveres. Então, as mulheres cristãs, fossem as líderes ou não, sendo escravas ou não (se bem que muitas não escravas estavam sob o jugo escravagista também), ao entenderem o apelo do Evangelho no primeiro século, ao recitar a declaração batismal de Gl 3,28, compreendiam-se sujeitas na Igreja com possibilidades de se moverem, em nível transformador, nas inter-relações sociais e nas estruturas das comunidades às quais pertenciam. O nosso texto (Gl 3, 28) é uma passagem que privilegia a mulher. É o ponto focal e centro organizador da teologia de Paulo no seu ensino sobre ela. Aqui fala de igualdade de privilégios entre homem e mulher, uma declaração universal para todos os tempos. Oficiosamente, houve a repressão pastoral, androcêntrica e patriarcal, voltando a marginalizar as mulheres nas comunidades e na teologia. Claro, na teologia também, pois o “não há homem (macho) e mulher (fêmea)” certamente foi um dos primeiros textos socio-teológicos, por escrito, que conhecemos do Novo Testamento. Paulo rompe. Quebra os obstáculos. Assume a proposta de que o par homem-mulher seja uma realidade e de que ambos estão no mesmo nível. As fronteiras são abertas. Mesmo tendo, provavelmente, oposição à sua postura, ele leva avante o ritmo da desmasculinização nas comunidades. As saudações afetuosas e carinhosas a tantas mulheres e homens nas epístolas aos romanos (Rm 16,1-15) e aos filipenses (Fl 4,2-3), missivas posteriores a gálatas, mostram que ele pôs em prática esta visão igualitária. Ao contemplar, nas saudações, a presença feminina, está Paulo revelando a concretização da abertura multicultural de fronteiras. Foram estas mulheres que trabalharam, lutaram, favoreceram, conviveram e tiveram tanto apreço e estima para com Paulo, e a recíproca também foi verdadeira.

Compreendendo os três impactos à luz do hino batismal

No v. 27 vemos *pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo*. É a única passagem da Epístola aos Gálatas em que o batismo se acha mencionado. Paulo não apenas supõe que os gálatas compreenderam bem a sua catequese sobre isto, mas ainda que os missionários judeu-cristãos não contestavam o papel decisivo do batismo na iniciação cristã. O batismo, parece, não era o problema. Paulo, tranquilamente, passa da fé para o batismo, ou seja, a transformação que acontece com os que têm fé, realiza-se no batismo. Este une tão intimamente a Cristo, que os cristãos “estão-em-Cristo Jesus” (3,26) e são “um-em-Cristo Jesus” (3,28).

Embora aqui não haja uma descrição do ritual do batismo, mas uma referência à cerimônia, este versículo está conectando, com a partícula *pois*. O v. 26 (*pois vós todos sois filhos de Deus através da fé em Cristo Jesus*) com o v. 28 (*não há judeu nem grego...*) e, em consequência, a carta, como um todo, se conecta também com o ritual cristão do batismo. Entre os lembretes que os neobatizados recebiam um era de que eles agora tinham o *status* de *filhos de Deus*. Isto, provavelmente, tinha grandes implicações, porque durante toda a vida, o batismo deveria ser um ponto referencial. Aqui em gálatas, por exemplo, diante de todos os conflitos acontecidos com a presença dos missionários judeu-cristãos, foi preciso que Paulo retomasse a referência batismal. Ser *filhos de Deus* implicava em compromissos de mudanças em todos os níveis e em responsabilidades comunitárias.

Relembrando o contexto de gálatas, onde a questão central girou em torno do conflito teológico entre obras da lei e a fé – num ambiente novo que era a participação dos étnicos em igualdade de condições – e na enumeração de alguns ritos religiosos entre os quais a circuncisão, fica a pergunta: Por que Paulo combate a circuncisão e, imediatamente, faz referência a um novo rito, o batismo? Se Paulo diz que a pessoa humana é justificada somente pela fé, por que, então, o ritual batismal?

Para os primeiros cristãos o batismo era vital para quem tinha fé. Era o sinal da entrada em um novo tipo de vida, contrastando nisto com a circuncisão, que não podia fazer mais do que introduzir as pessoas num sistema legal. O batismo é entendido como um meio de união total entre duas pessoas, a pessoa do que tem fé e a de Cristo. Portanto, para Paulo, o batismo é caracterizado pela relação que se estabelece entre o batizado e o Cristo. Não é o cumprimento de uma lei, mas a atuação da adesão à fé. Não é obra humana, mas acolhimento da obra divina. O tornar-se ser-em-Cristo-Jesus acontece no batismo. Todos os que foram batizados, é preciso recordar, são cristãos. É uma chamada de atenção aos gálatas.

Em vez de usar a fórmula mais habitual “batizar em nome de Cristo” (1Cor 1,13; 6,11), aqui ele usa a fórmula: *batizar em Cristo* significando a identificação em Cristo.

Paulo agora, para exprimir a força desta inserção no novo ser, mediante o batismo usa o conceito *vestistes (enduesthai)*. A imagem da veste ilustra o ensinamento de Paulo, pressupõe o início de um relacionamento bem profundo com Cristo. Há aqui uma mudança no ser. Ligando-se ao Cristo, o batizado é transformado radicalmente. É

o início da participação ao ser de Cristo mesmo, como diz 2,20, no nascimento de um novo “eu”, de “Cristo em mim”, do homem interior. É na nova base de uma nova vida.

É revestir-se. Como pode uma pessoa revestir-se de outra? A expressão é audaz. Na imagem, Cristo é um vestuário. Quer levar o leitor a compreender que há uma mudança profunda do ser. Nesta imagem, a pessoa que veste precisa representar o papel da outra pessoa. Os crentes revestiram-se do Cristo, do novo. Sendo Cristo seu vestido, estão “em Cristo”. Os batizados estão em um novo ser. Participam do ser de Cristo. São nova criação (criatura: 6,15). Já podem dizer: “Já não sou eu que vivo, pois é Cristo quem vive em mim” (2,20). Ser *batizado em Cristo* significa entrar na esfera do Senhor Ressuscitado, do Espírito vivificante, cuja realidade e cujo poder se manifestam na comunidade cristã. A unidade comunitária em Cristo Jesus é o grande objetivo do batismo cristão.

A relação profunda entre o batizado e Cristo define bem o sentido novo da filiação obtida e explica por que esta filiação liberta da submissão ao pedagogo. Esta imagem figurativa do Cristo como vestuário do crente dá margem a outras interpretações, porém, neste lugar, queremos ficar com a interpretação de que o revestir-se no Cristo apresenta aos crentes um acontecimento de transformação divina. De fato, *Cristo* designa o “Filho de Deus” (2,20; 1,16; 4,4). Revestir-se de Cristo significa ser filhos no Filho único. Claro, como veremos adiante, esta transformação divina dos crentes traz, em consequência, posturas de transformações, no concreto comunitário, envolvendo o social, o ético, o cultural, o racial, o sexual, o político etc.

A fé e o batismo aboliram as diferenças concretas entre judeus e não judeus, abrindo todas as fronteiras, precisando o modo da “filiação” não na dispersão, mas na unidade em Cristo. Os cristãos são, em Cristo, uma nova criação (6,15). A nova humanidade dos batizados não pode mais ser dividida. É o que veremos a seguir. Toda a epístola pode ser lida também nas chaves da fé e do batismo, mostrando por que Paulo se esforça tanto nessa abertura geral, sempre dentro do princípio da igualdade.

Conclusão

Em Gl 3,26-28 encontramos o hino batismal dos cristianismos originários que Paulo, inteligente e habilmente, inseriu no centro de sua epístola enviada aos Gálatas. É um texto de uma abertura multicultural intrigante, pois, com uma só tacada, atinge três alvos: o étnico, o social e o de gênero. Ele questiona ou demitiza os padrões de comportamento impostos pela civilização grega, interroga determinadas instituições desde o patriarcalismo universal até os meios de produção escravagista romano e apresenta os valores fundamentados em Jesus Cristo para a busca de uma sociedade simétrica e livre.

Chamamos o texto de Gálatas de “a epístola da abertura de fronteiras”. De fato, como vimos, no centro desta epístola há uma perícopes significativa (Gl 3,26-28) que é uma expressão monumental da abertura de um grupo dos cristianismos originários para a perspectiva multicultural. Ali, Paulo que herdou o texto de comunidades anteriores aborda, com uma visão genial, as aberturas para o étnico, para o social e para a

questão de gênero. A epístola procura dar uma nova visão ao universo greco-romano e, também, ao judaico, mostrando que se devem olhar as questões culturais, raciais, religiosas, sociais e de gênero com novas perspectivas, para se superarem os preconceitos sejam quais forem e de onde vierem. Paulo, ao mover-se, por várias vezes, pelo império greco-romano, abriu sua mentalidade. No contacto com a grande civilização grega, convivendo com a presença militar e política romana, conhecendo tantos povos diferentes, anunciou um projeto transformador que derrubava os muros das desigualdades. Provavelmente, Gl 3,26-28 era um texto lido pelas comunidades cristãs na liturgia do batismo. Paulo, ao escrever aos gálatas, insere esta perícopes no centro da Epístola como um programa para as comunidades de fé, caracterizando-se como uma pequena perícopes de abertura de fronteiras em torno da unidade em Cristo.

Perspectivas multiculturais envolvem também os padrões de comportamento e as instituições. Aqui vemos o questionamento a instituições centenárias como o modo de produção escravagista bem como o patriarcalismo/androcêntrico. Vejamos: quem era proprietário não podia, à luz de Gl 3,28, exercer seu poder de patrão. Quem era marido tinha de abandonar o poder sobre as esposas e filhos. Quem era judeu ao converter-se, tinha de deixar a ideia de que somente os judeus eram o povo preferido de Deus. Todas as regalias sociorreligiosas bem como as político-econômicas eram, nesse ideal, dissolvidas. O apelo para que todos abandonassem seus privilégios era um fato. Perder essas prerrogativas significa realizar o sonho da declaração batismal. Poderiam grupos cristãos tão pequenos e tão novos influenciar em instituições tão estratificadas e milenares? Muitos duvidam da força desses grupos. É difícil também afirmar que aconteceram resultados significantes. Porém, em nível das regalias masculinas, em nível religioso, dentro das comunidades cristãs era possível realizar esse ideal. Qualquer privilégio religioso, cultural e social estava fora da declaração batismal de Gl 3,28. Para as mulheres, para os escravos e os gentios a busca da igualdade cristã, com todas as suas implicações sociojurídicas e culturais, além de ser uma atração existencial, dava possibilidades que nunca viram em nível da sociedade greco-romana. O movimento missionário cristão das igrejas primitivas contou, certamente, com uma legião significativa de líderes fora dos parâmetros tradicionais.

Referências bibliográficas

BARBAGLIO, Giuseppe. *São Paulo o Homem do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993.

COMBLIN, J. *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon*. Petrópolis: Vozes, 1986. (Comentário Bíblico).

FERREIRA, Joel A. & SILVA, Valmor. *Paulo Missionário*. Belo Horizonte: O Lutador, 2009.

FERREIRA, Joel A. *Gálatas: a Epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2007.

FERREIRA, Joel A. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Uma leitura conflitual do Novo Testamento. Goiânia: UCG e América, 2009.

SANDERS, E.P. *Paulo, a Lei e o Povo Judeu*. São Paulo: Paulinas, 1990.